

CARAMBAIA

**Vladimir
Korolenko**

O músico
cego

Tradução
Klara Gourianova

Posfácio
Elena Vássina

CAPÍTULO PRIMEIRO

7

CAPÍTULO SEGUNDO

27

CAPÍTULO TERCEIRO

49

CAPÍTULO QUARTO

67

CAPÍTULO QUINTO

77

CAPÍTULO SEXTO

103

CAPÍTULO SÉTIMO

147

EPÍLOGO

153

POSFÁCIO

Elena Vássina

157

I

A criança nasceu à meia-noite numa família rica que morava na região sudoeste. A jovem mãe estava desfalecida, mas, quando soou o primeiro grito baixo e lamentoso do recém-nascido, ela se agitou na cama sem abrir os olhos. Seus lábios murmuravam algo e, no rosto pálido, de traços suaves, quase infantis, surgiu a expressão de um sofrimento como de uma criança mimada que pela primeira vez sente um amargor. A parteira inclinou-se para ouvi-la.

– Por quê? Por que ele...? – perguntava a doente em voz quase inaudível.

A velha não entendeu. A criança gritou outra vez. No rosto da mãe refletiu-se uma dor aguda e dos olhos fechados rolou uma lágrima graúda.

– Por quê, por quê? – sussurravam seus lábios, baixinho.

Dessa vez a parteira entendeu a pergunta e respondeu tranquilamente:

– A senhora pergunta por que a criança chora? Isso é assim mesmo, acalme-se.

Mas a mãe não conseguia se acalmar. Ela estremeceu a cada grito do menino e repetia com impaciência e irritação:

– Mas por que assim, tão terrível?

A parteira não ouvia nada de excepcional no choro da criança e, vendo que a parturiente estava tendo um delírio, deixou-a e se ocupou com a criança.

A jovem mãe aquietou-se e somente de vez em quando o sofrimento que não conseguia se revelar em movimentos e palavras era expresso por lágrimas graúdas de seus olhos. Elas passavam por entre as espessas pestanas e escorriam pelas faces pálidas como mármore. Talvez o coração da mãe tenha sentido que com a criança viera ao mundo uma desgraça negra inconsolável que permaneceu sobre o berço para acompanhar essa nova vida até o túmulo.

Talvez a mãe estivesse realmente delirando. Mas, seja como for, a criança nasceu cega.

II

De início ninguém percebeu. O menino tinha aquele olhar vago que todos os recém-nascidos têm até certa idade. Passavam-se os dias e a vida do novo ser humano já podia ser contada em semanas. Seus olhos desanuviaram, a película turva desapareceu e a pupila definiu-se. Mas o bebê não virava a cabeça para seguir o raio de luz que penetrava no quarto com o alegre canto dos passarinhos e o ramalhar das faias verdes que cresciam perto da janela no jardim da casa de campo.

A mãe, que já havia se recuperado, foi a primeira a reparar na estranha expressão do rostinho infantil que permanecia imóvel e sério demais para um bebê. A jovem mulher olhava para as pessoas como uma pombinha assustada e perguntava:

– Por que ele é assim, me digam?

– Assim, como? – respondiam-lhe em tom de indiferença.

– Ele é igual a outras crianças de sua idade.

– Olhem como ele procura algo com as mãos, isso é estranho.

– A criança ainda não tem a coordenação dos movimentos das mãos com suas impressões visuais – respondeu-lhe o médico.

– Então por que ele olha sempre na mesma direção? Ele... ele é cego? – saiu do peito da mãe a terrível hipótese, e ninguém conseguia acalmá-la.

O doutor pegou o menino, virou-o rapidamente para examinar seus olhos. Ficou um tanto confuso, pronunciou algumas frases insignificantes, disse que voltaria em alguns dias e foi embora.

A mãe chorava e se debatia como um pássaro ferido, apertando a criança contra o peito. O olhar do menino continuava imóvel e inexpressivo.

Passados dois dias, o doutor voltou trazendo consigo o oftalmoscópio.

Ele acendeu a vela, aproximou-a e afastou-a dos olhos do menino e, com ar embaraçado, pronunciou finalmente:

– Infelizmente, a senhora não se enganou. O menino é cego e seu caso é irremediável.

A mãe escutou a notícia com tristeza, mas permaneceu calma.

– Disso eu sabia – disse baixinho.

III

A família do menino não era numerosa. Além dos pais, tinha o “tio Maksim”, como era chamado em casa e até por pessoas de fora. O pai se parecia com os demais proprietários de terras da região sudoeste: era bem-humorado e até generoso, estava sempre de olho em seus empregados e gostava muito de construir e reconstruir moinhos. Essa ocupação tomava quase todo o seu tempo e, por isso, só se ouvia sua voz em casa nas horas das refeições ou outros momentos rotineiros. Nessas ocasiões, ele costumava pronunciar a pergunta invariável: “Você está bem, minha pombinha?”. Depois disso, ele se sentava à mesa e não proferia quase nada. Somente, de vez em quando, comunicava algo sobre as engrenagens ou árvores de carvalho. É compreensível que essa sua convivência simples e pacífica pouco refletisse no caráter de seu filho.

Já o tio Maksim era completamente diferente. Uns dez anos antes dos acontecimentos aqui descritos, ele era famoso por ser um provocador perigoso não só nas redondezas de seu latifúndio, mas até em Kiev, nos Kontratos¹. Todos estranhavam como em uma família tão respeitosa como a da sra. Popélski, nascida Iatzenko, pudesse ter surgido um irmão tão terrível. Ninguém sabia como conversar com ele e com que lhe agradar. Ele respondia com impertinência às amenidades de senhores e perdoava aos mujiques insubordinação e grosseria a que até um senhor bastante condescendente responderia com tabefes. Finalmente,

1 Kontratos é como se chamava a feira de Kiev, famosa na época. [NOTA DO AUTOR]

para a grande alegria das pessoas “bem pensantes”², o tio Maksim, por alguma razão, ficou bravo com os austríacos e partiu para a Itália, que era mantida sob jugo da Áustria. Lá, se juntou ao também provocador herege³ Giuseppe Garibaldi, líder do movimento nacional que, como falavam os horrorizados senhores de terras, irmanou-se com o diabo e não dava a mínima importância nem ao papa de Roma, chefe da Igreja Católica.

A alma inquieta e apostasiada de Maksim perdeu-se, assim, para sempre. Por outro lado, nos Kontratos os escândalos tornaram-se menos frequentes, e as nobres mães deixaram de se preocupar com a sorte de seus filhos. Ao que parece, os austríacos não demonstravam grande carinho pelo tio Maksim. De vez em quando, nas notícias do *Kurierka*, jornal predileto dos senhores de terras desde os tempos antigos, seu nome aparecia entre os destemidos companheiros de armas de Garibaldi. Mas, um dia, os mesmos senhores ficaram sabendo que Maksim e seu cavalo tinham tombado no campo de batalha. Os enfurecidos austríacos, que pelo visto havia muito tempo traziam entre os dentes esse encarniçado *volinetz*⁴ (que, segundo seus compatriotas, era o único que ainda apoiava Garibaldi), picaram-no feito repolho.

– Ele acabou mal – disseram os senhores e atribuíram isso à proteção especial dada por São Pedro a seu representante. E, assim, Maksim foi dado como morto.

Verificou-se, porém, que os sabres austríacos não conseguiram afugentar a alma teimosa de Maksim e ela conti-

2 Antes da Revolução Russa, assim eram chamados os partidários da política do governo e hostis às atividades revolucionárias. [N.A.]

3 Herege, aqui, significa o homem que renega a opinião geral. [N.A.]

4 Oriundo da região de Volinh, sudoeste da Ucrânia. [N.A.]

nuou viva, embora seu corpo estivesse bastante danificado. Os bravos garibaldinos tiraram seu digno companheiro do monturo, levaram-no para algum hospital e, depois de alguns anos, Maksim voltou. Apareceu inesperadamente na casa de sua irmã e por lá ficou.

Agora ele já não estava interessado em duelos. Sua perna direita fora amputada e ele andava de muleta. A mão esquerda também fora mutilada e agora servia apenas para ajudá-lo a se apoiar numa bengala. Então ele ficou, em geral, mais ponderado, contido, e somente de vez em quando soltava sua língua ferina, afiada como seu sabre. Ele não frequentava mais os Kontratos, raramente aparecia em sociedade e passava a maior parte do tempo na biblioteca, dedicando-se à leitura de livros que ninguém conhecia, mas supunha-se que eram ateístas. Ele até escrevia algo, porém, como nada de seus escritos fora publicado no *Kurierka*, ninguém lhes dava importância.

Quando apareceu uma nova criatura na casa, o cabelo curto do tio Maksim começou a ficar grisalho. Por causa do constante apoio nas muletas, os ombros levantaram-se e seu corpo tomou uma forma quadrada. Sua aparência estranha, o cenho carregado, o bater das muletas e a fumaça de tabaco que o cercava constantemente – porque ele não tirava o cachimbo da boca –, tudo isso assustava as pessoas de fora. E somente aqueles mais próximos sabiam que, naquele corpo mutilado, batia um coração ardente e bondoso, e na grande cabeça quadrada, coberta de um espesso cabelo eriçado, trabalhava um pensamento incansável.

Mas mesmo os mais próximos não sabiam que questões esse pensamento procurava resolver naquele momento. Apenas viam tio Maksim cercado da fumaça azul, sentado por horas inteiras com um olhar vago e uma expressão carregada. Entretanto, o combatente mutilado pensava que

a vida era uma luta e que nela não havia lugar para os inválidos. Vinha-lhe à cabeça que ele saíra das fileiras para sempre e arrastava-se na rabeira; parecia-lhe que era um cavaleiro tirado da sela pela vida e transformado em restos mortais. Não seria uma covardia contorcer-se no pó como um verme esmagado? Arrastar-se pelo chão? Ou se agarrar ao estribo do vencedor, suplicando-lhe os restos de sua ridícula existência?

Enquanto o tio Maksim, com uma coragem fria, analisava essa ideia pungente, procurando e comparando os argumentos a favor e contra, diante de seus olhos começou a aparecer um novo ser, a quem o destino fez vir já inválido a este mundo. De início, ele nem reparava na criança. Mas, depois, a estranha semelhança do destino daquele menino com o dele o intrigou.

– Hum. Sim – disse ele um dia, pensativo, olhando para o menino de esguelha. – Esse garoto também é inválido. Se juntarem nós dois, talvez resulte num homenzinho bem fraco.

Desde então seu olhar detinha-se no menino cada vez mais.

IV

A criança nasceu cega. Quem tem culpa de sua desgraça? Ninguém! Não há nisso nem sombra de “mau-olhado” de alguém, e a causa do infortúnio está guardada no fundo dos caminhos complicados e misteriosos da vida.

A cada olhar para o menino cego, o coração da mãe se apertava com uma dor aguda. É evidente que ela como mãe sofria, tendo pressentimentos ruins, vendo a deficiência do filho e imaginando o penoso destino que esperava

por sua criança. Mas, além desses sentimentos, a mulher sangrava por dentro ao pensar que os culpados dessa desgraça podiam ser os próprios pais que lhe deram a vida. Tudo isso foi o suficiente para que a pequena criatura com os olhos lindos, mas cegos, tenha se transformado sem querer no centro das atenções dos familiares, num déspota cujo menor desejo mudava toda a ordem da casa.

Não se sabe o que viria a ser o futuro desse menino, predisposto a exacerbar-se gratuitamente por causa de sua desgraça e a quem todos cercavam, cultivando o egoísmo, se o tio Maksim, obrigado pelo estranho destino e pelos sabres austríacos, não estivesse abrigado naquela aldeia, na casa de sua irmã.

A presença do menino cego na casa deu um novo rumo ao pensamento do guerreiro inválido. Ele continuava passando horas sentado, fumando seu cachimbo, mas em seus olhos, além da profunda e constante dor, surgiu a expressão de um observador intrigado. E quanto mais o tio Maksim observava o menino, mais ele carregava a expressão e aspirava mais fundo a fumaça de seu cachimbo. Um dia, ele decidiu intervir.

– Esse garoto – disse ele, soltando anéis de fumaça, um atrás do outro – vai se sentir muito mais infeliz do que eu. Seria melhor se ele não tivesse nascido.

A jovem mulher abaixou a cabeça e uma lágrima caiu em seu bordado.

– Maks, é cruel e despropositado você me lembrar disso – respondeu ela baixinho.

– Só estou dizendo a verdade – retrucou Maksim. – Eu não tenho uma perna e um braço, mas tenho os olhos. O rapaz não tem olhos, mas, com o passar do tempo, ele não terá nem braços, nem pernas, nem força de vontade.

– Por quê?

– Entenda-me, Anna – disse Maksim em tom mais suave –, eu não lhe diria coisas cruéis em vão. O menino tem um sistema nervoso bem afinado. Por enquanto, ele tem todas as chances de desenvolver outras capacidades para compensar sua cegueira, ao menos parcialmente. Mas para isso ele precisa fazer exercícios, e o que obriga a fazer os exercícios é a necessidade. Esses cuidados tolos que excluem a necessidade de esforços matam nele as chances de ter uma vida mais plena.

A mãe era inteligente e conseguiu dominar os impulsos espontâneos que a obrigavam a sair em carreira desabalada a cada grito lamentoso da criança. Passados alguns meses depois dessa conversa, o menino engatinhava rápida e livremente pelos cômodos, apurando o ouvido para todos os sons, e, com uma vivacidade incomum para outras crianças, apalpava todos os objetos que chegavam a suas mãos.

V

O menino aprendeu rapidamente a reconhecer a mãe pela maneira de andar, pelo fru-fru do vestido e por outros indícios imperceptíveis para os outros. Por mais que a casa estivesse cheia de outras pessoas se movimentando, ele infalivelmente se dirigia para o lugar onde estava a mãe. Quando, inesperadamente, ela o pegava nos braços, ele a reconhecia no mesmo instante.

Mas, quando outra pessoa o pegava, ele começava a apalpar seu rosto; reconhecia a babá, o tio Maksim, o pai. E, quando estava nos braços de uma pessoa nova, os movimentos de seus dedos eram lentos, cautelosos e, em seu rostinho, notava-se uma tensão, como se ele examinasse a pessoa, olhando para ela com a ponta dos dedos.